

Governo precisa equilibrar contas

SÃO PAULO — O segundo tempo da luta do ministro Fernando Henrique Cardoso contra a inflação poderá ser uma prefixação de preços lastreada em uma âncora cambial. Mas isso só depois que o governo conseguir sucesso na primeira fase do plano econômico, com o ajuste das contas públicas. “Só dentro de três meses o governo poderá saber se há condições de se fazer algo como prefixação de preços”, analisa Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar Serviços Financeiros.

Para Álvaro Augusto Vidigal, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo, os próprios agentes econômicos se convenceram que não se derruba uma inflação mensal de 30% automaticamente. “Se houver a visibilidade de que o ajuste das contas internas emplaca, pode-se partir para o segundo turno”, afirma. O momento, porém, não é favorável a se fazer nada parecido.

“Choque agora será desperdício de energia”, diz Teixeira da Costa, observando que na Argentina a âncora cambial só veio depois do

ajuste feito”. Vidigal lembra que se o governo tentar quebrar a inércia inflacionária sem o prévio ajuste de contas haverá um grande fracasso provocado pela resistência política do Congresso.

Economistas — Economistas têm opiniões semelhantes. Acreditam que, antes de aplicar o choque, a equipe econômica deve colher os frutos da primeira parte do plano. “Se o governo partir agora para a segunda etapa do plano, o fracasso será imediato”, alerta Luís Ro-

berto Cunha, da PUC/RJ. Para ele, ainda não está claramente definido o sucesso da primeira parte e um segundo passo dependerá do sucesso do primeiro, ressalta.

Para o ex-ministro Mário Henrique Simonsen nada foi feito de concreto na economia, não houve um ajuste, argumenta ele. Não há bases para medidas mais drásticas que podem até dar resultados, mas duraria apenas um mês e a inflação voltaria mais forte, desabando tudo como um castelo de cartas, disse Simonsen.